

O golpe de 31 de março também modificou o curso da sua carreira. Em 1963, Florestan já tinha arranjado um emprego para Fábio na Universidade de Brasília. Com a mudança de regime e as ligações de Florestan com o Partido Socialista, essas possibilidades desapareceram. Terminado o doutorado em 1963, Fábio conseguiu emprego em El Paso, Texas, uma universidade estadual na fronteira com o México, onde trabalhou por três anos. Pretendia revisar seu trabalho e talvez publicá-lo, mas as pressões da nova carreira e a impossibilidade de voltar para o Brasil orientaram sua atenção para outros projetos. Concorreu a uma vaga em demografia no Departamento de Sociologia da Universidade de Notre Dame e foi aprovado. Fez uma bela carreira, na qual se voltou à teoria sociológica e esqueceu seu trabalho sobre homossexualidade masculina em São Paulo, até o dia em que tocou seu telefone.

Passado quase meio século, depois de uma das entrevistas que nos foi concedida, uma última pergunta foi feita: "E o que fica de tudo isso?". A resposta veio seguida de um largo sorriso: "Não fica, continua!" (ibidem).

Referências bibliográficas

BARBOSA DA SILVA, J. F. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. *Sociologia*, v.2, n.4, p.350-60, out. 1959.

———. *O homossexualismo em São Paulo: um estudo de um grupo minoritário*. São Paulo, 1960. (Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo).

GREEN, J. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

JURTH, M. L'homophilie au Brésil. *Arcadie*, v.83, p.654-64, 1960.

WHITAKER, E. de A. et al. Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo. Aspectos da sua atividade social, costumes, hábitos, "apelidos", "gíria". *Arquivos de Polícia e Investigação*, v.2, n.1, p.244-60, 1938-1939.

Parte I

Reprodução da monografia histórica e inédita de José Fábio Barbosa da Silva, 1958

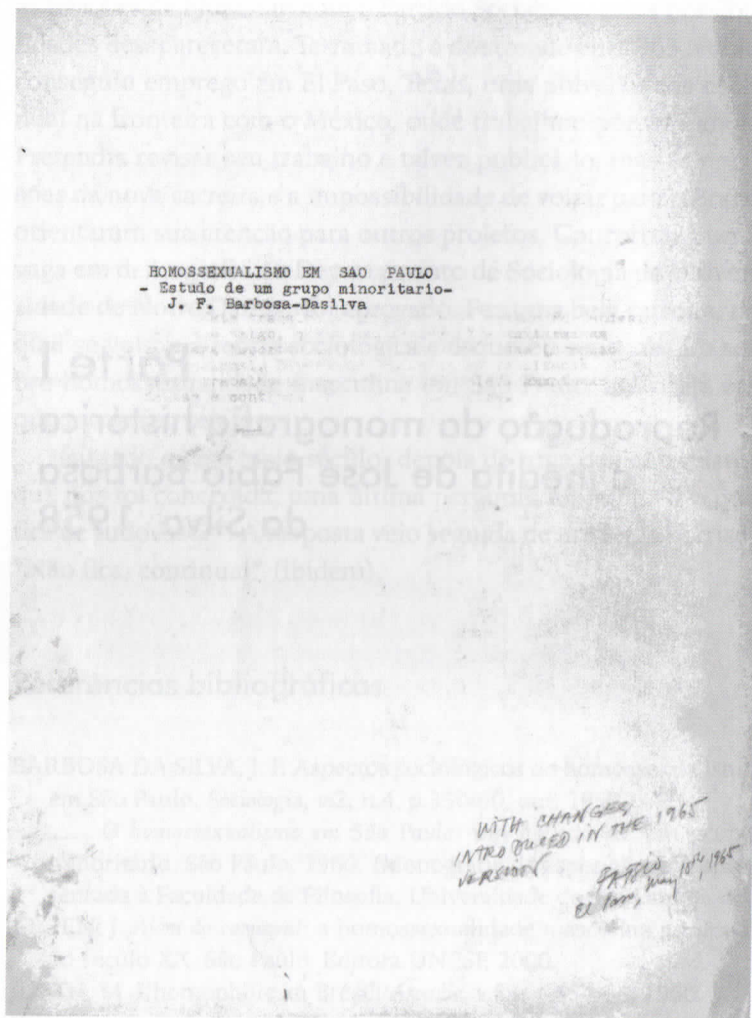
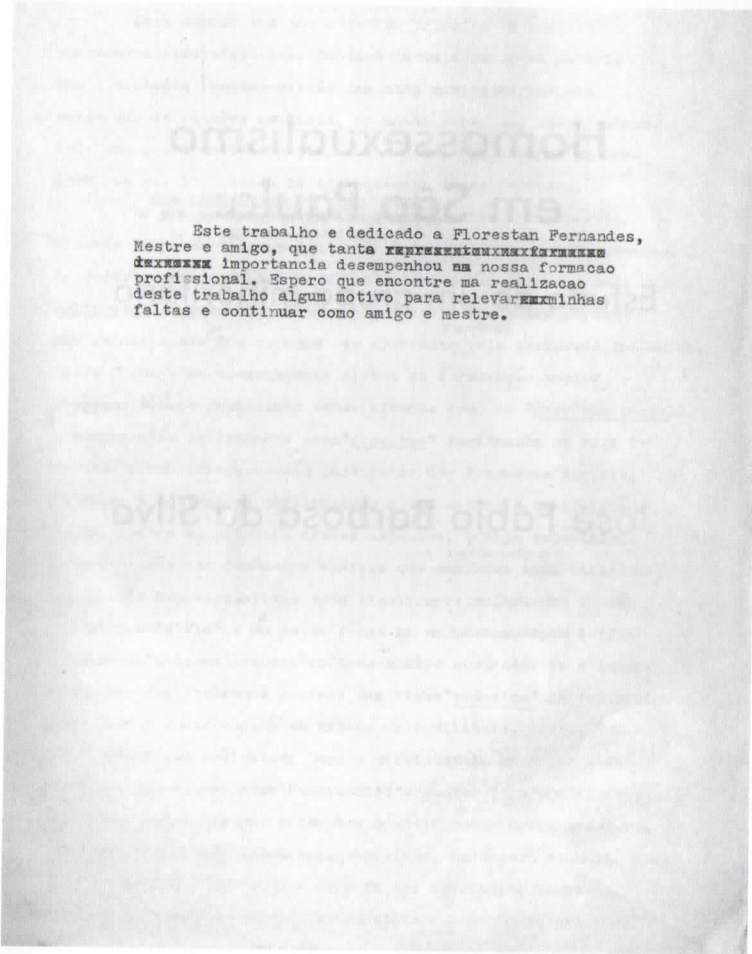


FIGURA 1 – Fac-símile do original de José Fábio Barbosa da Silva.

Homossexualismo em São Paulo:

Estudo de um grupo minoritário

José Fábio Barbosa da Silva



Este trabalho é dedicado a Florestan Fernandes,
Mestre e amigo, que tanta ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
~~XXXXXXXX~~ importância desempenhou na nossa formação
profissional. Espero que encontre na realização
deste trabalho algum motivo para relevar ~~XXXXXXXX~~ minhas
faltas e continuar como amigo e mestre.

Este trabalho é dedicado a Florestan Fernandes,
mestre e amigo, que tanta importância desempenhou
em nossa formação profissional. Espero que encontre
na realização deste trabalho algum motivo para relevar
minhas faltas e continuar como amigo e mestre.

FIGURA 2 – Fac-símile do original de José Fábio Barbosa da Silva.

I Homossexualidade na cidade de São Paulo

O característico diferencial básico do grupo homossexual é a existência de indivíduos, na sociedade global, de comportamento homossexual, isto é, que sejam homossexuais constantes ou demonstrem, pelo menos, uma atitude mais favorável às relações homossexuais do que heterossexuais. A existência de indivíduos com esse caráter na nossa sociedade é evidente, pois, dados de simples observação comum assim o demonstram. Para o conhecimento do número de indivíduos não existe, entretanto, nenhuma fonte que nos permita avaliar sua proporção na população total. Pesquisas realizadas em outros locais (Estados Unidos) podem nos dar, de alguma forma, uma idéia tosca dessa situação.¹ Kinsey et al. (1948) indicam que 37% do total da população masculina ostenta algum tipo de experiência homossexual (explícita ao ponto do organismo, entre a adolescência e a

1 Outros autores, além de Kinsey, fizeram estimativas: J. F. Brown – 2% da população; Rosoanoff – 10% da população masculina; Davis e Hamilton – 50% dos homens e 25% das mulheres tiveram experiências homossexuais não sigilosas.

idade madura). Suas descobertas mostram que, na sociedade norte-americana, 30% de todos os homens têm pelo menos experiências ou reações homossexuais acidentais manifestas no período de 16 a 55 anos; 25% da população masculina têm mais que simples experiências ou reações homossexuais manifestas acidentais entre 16 e 55 anos; 18% dos homens têm muito mais de homossexual do que de heterossexual em sua vida, pelo menos entre 16 e 55 anos; 45% dos homens brancos são exclusivamente homossexuais em sua vida após o período da adolescência.

Várias das condições que têm sido indicadas como significativas para o desenvolvimento da minoria homossexual podem ser encontradas em São Paulo, quando efetuamos comparações com os centros onde os dados apontados foram observados, apesar de aparecerem em menor intensidade (como os níveis de organização, industrialização e o enfraquecimento dos controles sociais resultantes da complexidade social crescente). No entanto, se considerarmos, *somente por hipótese*, a intensidade do fenômeno semelhante à encontrada por Kinsey, teríamos em São Paulo, para cada mil habitantes masculinos, 68 exclusivamente homossexuais em sua vida, após o período da adolescência.

Para a organização dos indivíduos em um grupo social, existem vários fatores, entre eles a necessidade de uma base espacial (cf. Parsons, 1951). Segundo Park (1952), é inevitável que indivíduos, que possuem a mesma forma de excitação, possam encontrar-se, de tempos em tempos, nos mesmo lugares. O resultado disso, na organização que a vida de uma cidade espontaneamente assume, é que a população tende a distribuir-se no espaço não apenas de acordo com os seus interesses, mas conforme seus gostos ou temperamentos. Essa base espacial pode ser classificada como uma "região moral" e resulta das influências que agem sobre uma vizinhança que tende a distribuir e segregar as populações citadinas. A região moral não é necessariamente um local de residências, pode ser simplesmente um local para encontros, contato e interação organizada. Podemos, en-

tão, dessa maneira, abstrair a região, que pode ser presumida como constituindo a base espacial do grupo homossexual em São Paulo. Ela engloba pontos de reunião pública, privada, de moradia e de encontros amorosos de grande parte dos homossexuais. Uma delimitação dessa área nos apontaria para o centro de São Paulo, antigo e atual, ficando à margem apenas os setores bancários, que à noite – período preferido para a vida do grupo – ficam quase sem nenhum movimento público, dada a inexistência de focos de reunião e a dificuldade para encontro de parceiros sexuais.

A região principal que tem sobrevivido, por muito tempo, como ponto de encontro de grande parte do grupo homossexual de São Paulo, pode ser caracterizada por um grande T, formado pela confluência das Avenidas São João e Ipiranga, tendo como pontos cardeais os cinemas Oásis, ArtPalácio e início da Rua São Luiz.² A vida de rua encontra alguns focos principais: imediações do Café Mocambo (Rua dos Timbiras), Bar do Jeca (esquina da Avenida São João com a Ipiranga), o passeio de todo o quarteirão formado pelas Avenidas São João e Ipiranga, Praça da República e Rua dos Timbiras, Avenida São João desde o cine Oásis até o ArtPalácio (lado ímpar), Praça Dom José Gaspar (principalmente diante dos bares aí localizados), toda a Praça da República, Largo do Paissandu, Rua São Luiz (principalmente diante dos bares), Praça da Sé, Praça Clóvis Beviláqua, Praça João Mendes, Praça Ramos de Azevedo (em frente à loja Mappin Store). À tarde, na Rua Barão de Itapetininga, e nos bares da República, Nick Bar, Pari Bar, Mocambo, Jeca, Cremarie, Brahma, Baiúca. Os cinemas ArtPalácio (principalmente às segundas-feiras), Oásis, Marabá (principalmente às quartas-feiras), Cairo, Pedro

2 De 1930 até hoje, aparece um ligeiro deslocamento do centro de importância da área. Por volta de 1930 (segundo Whitaker et al., 1938-1939), os principais centros de reuniões ficavam no Anhangabaú – próximo à Avenida São João – e no Largo do Paissandu.

II, Cinemundi, Santa Helena. Banheiros Públicos, principalmente os da Praça da República, do Largo do Arouche, do Largo Paissandu, da Praça Ramos de Azevedo e dos cinemas e bares citados. Estações de ônibus intermunicipais, estações de estrada de ferro e quartéis.

Não é difícil perceber as razões da concentração dos homossexuais nessa área. Segundo pensamos, o sistema de classificação de áreas urbanas utilizado por Burgess (1925), em linhas gerais, encontra aplicação em São Paulo. Podemos delimitar de maneira geral as áreas concêntricas (de desorganização, habitação e industrial); apenas elas passam em nossa cidade por uma série de fracionamentos e superposições. Tendo-se em vista o problema que, atualmente, focalizamos, a área de desorganização, no entanto, aparece como inclusiva da área de concentração de homossexuais. Dados de observação mostram que se superpõem nessa área atividades escolhidas para a computação de índices que caracterizam as áreas de desorganização – casas de cômodos, prostituição, apartamentos pequenos, concentração de bares, *dancings*, *boites*, cinemas, criminalidade, vadiagem, homossexualismo, boêmios. Nos anos 40, Lucila Herrmann (1944, p.31-3) já indicava os limites da área de desorganização e fazia uma caracterização geral.

O centro transborda-se sobre as chácaras residenciais de Liberdade, sobre a residência campestre do Barão de Itapetininga (Chácara do Chá, recoberta pelos atuais viadutos), sobre a rua residencial de luxo do Rosário dos Pretos (atual XV de Novembro), sobre as várzeas do Anhangabaú etc. Na radial que estudamos (São João da Lapa), consideramos como área de deterioração toda a parte da avenida São João até quase seu final, isto é, alameda Gleite. Os índices econômicos e os aspectos exteriores das casas permitem a observação. A deterioração moral não acompanha a material em toda a sua extensão, mas concentra-se em certos trechos onde encontramos um grande número de casas de perdição, cabarés, grande concentração de vícios de tóxicos, de indi-

víduos solitários (homens e mulheres vivendo sozinhos em apartamentos, garçonieres), etc. O comércio ligeiro de retalhos, a manufatura ligeira substituem os grandes armazéns e casas comerciais do centro criando um tipo diferente de casa comercial, um projeto diferente de comércio ... E uma área de grande mobilidade material, locomoção, mudança de residência, viagens. Os indivíduos dessa área não se sentem presos a ela por laços econômicos (propriedade de imóveis, emprego fixo, etc.). Apenas as meretrizes, podemos dizer, encontram ali afinidades e centro profissional. Mas essas não possuem a mesma liberdade de escolha de outros grupos sociais. Constantemente controladas pela polícia de costume, são constantemente obrigadas a se mudarem para outras zonas impostas pelas autoridades. Não possuem também laços sociais (família, parentela, relações de vizinhança, respeito humano, associações, etc.), assim, se sentem mais independentes para se afastarem e mudarem. Essa mobilidade social acarreta, acompanha e intensifica uma grande mobilidade moral. E a zona de maior variedade de religião, cultural, sentimentos políticos, nacionalidade, cor, raça, etc., em contato intenso, o que determina uma mentalidade propensa a aceitação rápida das inovações e uma fixação mínima dos tabus, convenções, códigos de moral comum. Provam essa afirmação: essa área de maior número de caçares, meretrício, hotéis, casas de encontros clandestinos, etc. Os dados censitários revelariam ser a zona em que encontramos uma porcentagem grande de indivíduos estrangeiros, 32% sobre a população total da área; 52% de homens, etc. Em compensação, a área onde encontramos um maior número de indivíduos alfabetizados, 96% de profissões, 28% corroborando com o grande número de escritórios; de comerciais 23%; ocupa o segundo lugar em porcentagem de adultos com emprego 74%. Em compensação encontramos a representação mínima de crianças, 6%, o que vem confirmar nossa observação de ser esta zona a de maior concentração de indivíduos solteiros ou vivendo em uniões ilícitas.

As condições indicadas se intensificaram de 1944 em diante. Se um dos fatores resultantes – a prostituição – teve destruído, legalmente, seus focos mais evidentes, pela determinação da

polícia de costume, tais focos, porém, persistem, e com maior visibilidade, em razão da própria disseminação dos prostíbulos, e pelo fato de prostitutas atraírem os comparsas que passam no próprio passeio público (o que se passa em grande parte na área mencionada e nos aludidos apartamentos ou casas de cômodos). As outras características se encontram, na atualidade, ainda mais pronunciadas, com o desenvolvimento da vida noturna e o aumento do número de cinemas, *boites*, *taxi-girls*, bares, hotéis etc. Toda essa região de prazer e exploração do vício organizado começa a viver ao entardecer, e acha sua maior agitação nas noites de sábado e nas vésperas de feriados. A diminuição das sanções e a concentração de grupos masculinos que procuram prazeres sexuais ou de lazer são basicamente fatores que servem de catalisadores do homossexual, e a sua convergência para essa área torna possível o desenvolvimento de relações sociais com outros membros da minoria.

Uma observação ligeira da visibilidade do homossexual poderia indicar a existência de um número reduzido de indivíduos isolados que manifestam comportamentos sociais tidos como homossexuais. Essas observações casuais não são, no entanto, suficientes para tornar visível toda a complexidade do grupo minoritário, em que a maior parte dos membros não evidencia características de comportamento compatíveis com o estereótipo majoritário da figura do homossexual. Vários fatores devem ser considerados para explicar essa situação. O homossexualismo, para o grupo majoritário, é identificado não apenas com um tipo característico de relação sexual, mas também com um certo tipo de comportamento social (efeminado). Surge assim o interesse, para a maior parte da minoria, de encobrir, da melhor maneira possível, os característicos simbólicos do homossexualismo. Dessa forma, um grande número de homossexuais tenta policiar seu comportamento social perante a maioria, de modo a conseguir sua classificação como heterossexuais. Em conseqüência, a visibilidade dos grupos homossexuais fica reduzida ao pequeno

número de indivíduos que demonstram característicos aparentes. Poder-se-ia pensar que a competição entre os indivíduos que desejam alcançar o mesmo objetivo representava um empecilho para a interação, tornando difícil o estabelecimento de uma base para a organização grupal. No entanto, vários fatores agem no sentido oposto, tornando possível a formação do grupo homossexual e sua integração normal. Alguns deles decorrem da própria posição de marginalidade em que se vê colocado o homossexual em relação à sociedade global, aparando o grupo como modo de defesa e segurança dos indivíduos. A necessidade de vida em grupo, que não pode ser desempenhada satisfatoriamente em outras aglomerações da sociedade global por causa das sanções existentes contra o homossexual, é canalizada na organização do grupo minoritário, que representa para seus membros a oportunidade de satisfação dos anseios pela vida social organizada.

Assim, apesar de a visibilidade do grupo se fazer por meio de indivíduos isolados, ela tem existência real e possui, para seus componentes, o mesmo significado que os demais grupos. A sociedade global, porém, vem tomando mais consciência da extensão do número de indivíduos que fazem parte do grupo homossexual, porque, em certas datas e em certos locais, há uma concentração e visibilidade dos homossexuais (como no carnaval, o baile do Teatro João Caetano e do Recreio, no Rio de Janeiro). É a partir da observação dessas situações isoladas que a maioria começa a perceber a importância numérica e atuante do grupo minoritário.

A determinação de uma categoria³ social exige a existência de características comuns partilhadas pelos membros ou componentes do agregado social considerado. Um único caráter es-

3 O sistema de classificação dos vários níveis de organização do grupo minoritário utilizado na discussão que se segue é apenas geral, outros poderiam ser utilizados, como o de Bierstedt (1957, p.288-319), os quais, porém, são essencialmente idênticos aos aqui utilizados. Eles apenas aparecem sob uma diferente terminologia, respectivamente, estatístico, societário, social e associativo.

colhido pode discriminar uma população segundo categorias sociais, sendo desnecessário que os indivíduos, pertencentes a uma mesma categoria, tenham contato, comunicação ou relações interpessoais. Mesmo a proximidade não está implícita no conceito de categoria social (Fichter, 1955, cap. III). A definição do homossexual, portanto, implica, como já dissemos anteriormente, uma pluralidade de pessoas que são reconhecíveis por esse caráter e podem ser estudadas como uma unidade global. A população discriminada não tem em comum esse caráter – comportamento homossexual. À medida que passamos a considerar outros característicos, como sexo, por exemplo, somos levados a categorias mais restritas que a anterior, como homossexualismo masculino e feminino. A explicitação da categoria levantada serve imediatamente para indicar o tipo de indivíduo que dela participa e os que dela são excluídos, pois divide o grupo social global em duas semipopulações exclusivas: a dos heterossexuais e a dos homossexuais.

Apesar de a categoria ser constituída por pessoas que têm um ou mais característicos em comum, elas não estão necessariamente em contato e comunicação. No entanto, pelas características do sistema social inclusivo em certos períodos de seu processo histórico, surge a possibilidade de organização desses indivíduos em grupos concretos. Esse é o processo que parece ter ocorrido para a formação do grupo minoritário, sobre o qual já tivemos oportunidade de discutir. As características comuns, que estão na base da categoria, associadas a muitos outros fatores organizatórios, contribuem para que os indivíduos desenvolvam relações emocionais entre si, formem agregados ou associações específicas e acabem mantendo, cooperativamente, atividades de caráter grupal.

Nos agregados homossexuais, indivíduos estão em proximidade física apesar de a ausência de comunicação continuada desenvolver apenas uma vaga idéia de associação. A base territorial do agregado social homossexual teria a sua existência

naquilo que anteriormente situamos como “região moral” dos homossexuais de São Paulo. Nessa região, os indivíduos, apesar de serem relativamente anônimos (no sentido de que são muitas vezes “estranhos”), possuem uma certa sensibilidade para destacar, no conjunto de pessoas que nessa região se distribuem, aqueles que são homossexuais. É por meio de certas peculiaridades de comportamento, características da cultura do grupo minoritário e, em geral, pouco significativos para a maioria, como gestos, maneira de falar ou andar, companhias preferenciais, roupas, fatos, objetos e situações que atraem a atenção, que os homossexuais se identificam, ainda que não se conheçam. Esse conhecimento anônimo é a base social mais geral de organização da minoria, apesar de não ser suficiente para seus membros de modo permanente e organizado. Isso é evidente, pois a proximidade física e a consciência da participação em uma mesma subcultura não excluem a existência de certas barreiras ligadas a diferenças de classe social, nível educacional, idade, grau de ostentação de comportamento homossexual etc. No entanto, esses são fatores que têm importância principalmente na estratificação interna do grupo minoritário. Na formação dos vários grupos primários, que constituem os vários níveis de estratificação, encontraremos indivíduos que mantêm entre si relações de caráter impessoal e formal de modo regular e constante. Formam, assim, os segmentos sociais da minoria que extravasam a base espacial da “região moral” e chegam a incluir indivíduos estranhos à área. Eles abrangem, inclusive, homossexuais que, embora se conheçam formalmente (por meio de festas homossexuais, bailes de carnaval ou de apresentações de outros homossexuais), só têm contatos ocasionais e rápidos. Apesar de as relações serem pouco intensas e íntimas, os indivíduos se identificam com esses segmentos e procuram seguir os *standards* neles aprovados de maneira formal e organizada.

Por fim, no nível de maior complexidade das relações, encontramos o grupo primário propriamente dito. Uma das ca-

racterísticas básicas consiste em que os membros são identificáveis muitas vezes por serem estranhos ao grupo. As sanções negativas ao homossexual e a possibilidade de participar do grupo primário de identificação dificultam a sua constituição e preservação. A sua principal função, no entanto, é suficientemente importante para tornar possível a sua existência – trata-se do único contexto social em que os homossexuais podem assumir seus papéis de membros da minoria sem se submeterem às sanções negativas ao seu comportamento, tão características do grupo majoritário.

O conhecimento da unidade grupal por pessoas exteriores a eles torna-se difícil pela posição de marginalidade dos papéis representados pelos membros como e enquanto homossexuais, o que coloca amplas áreas de sua vida, nesse setor, na condição de “dissimulada”. No entanto, o grupo é identificável por indivíduos que possam estabelecer qualquer contato que facilite a visibilidade, como os indivíduos heterossexuais,⁴ que entram em contato com os membros do grupo. Eles reconhecem perfeitamente o grupo homossexual e sua unidade, indicando a existência de barreiras que separam minoria e maioria – homosse-

4 A classificação desses como heterossexuais tem se tornado cada vez mais discutível, à medida que desenvolvem os estudos do comportamento sexual. A tendência é de considerar o comportamento sexual como que se distribuindo em um *continuum* do qual os pólos seriam: de um lado, máximo heterossexual, de outro, máximo homossexual. Aparentemente, uma multiplicidade de dimensões existe no *continuum*. Assim, para o segmento heterossexual, encontramos o intervalo de variação que inclui do extremo da dominância de uma única posição aceitável (o homem sobre a mulher, face a face) até um interesse continuado pela experimentação: o primeiro característico da classe baixa com baixo nível educacional e “tradicionalistas”, e o segundo, da classe média ou alta, alto nível educacional e “moderno”. Do ponto de vista sociológico, os vários grupos e segmentos sociais têm áreas de superposição, de modo que a possibilidade de comportamento homossexual é mais possível para ditos indivíduos que outros, sempre para aqueles que não se aproximam do pólo em que a posição heterossexual é a única aceitável.

xual e heterossexual. A situação peculiar da formação do grupo homossexual dificulta a sua visibilidade para observadores externos e estranhos. Apesar de o comportamento sexual e as atitudes a ele relacionadas servirem de base de formação do grupo pelo desenvolvimento de *consciousness of kind*, o primeiro não desempenha papel de importância nas relações internas dos grupos primários, pois estas são a unidade de organização mais visível da minoria. No entanto, no grupo primário, muitas das relações sexuais são tabu para os membros do mesmo grupo. Sobrevivem apenas ações sexuais secundárias, como abraços e beijos, dança e as atitudes positivas quanto às relações homossexuais. As funções do grupo são orientadas também para atividades de lazer e outras para interesses (educacionais, econômicos etc.), que sejam comuns aos membros do grupo primário, e assim característicos auxiliares para a organização social efetiva do grupo.

te com outras informações coligidas de outros membros. Elas representam, e nesse sentido são realmente valiosas, sondagens de dimensões existentes no grupo minoritário, incluindo uma grande riqueza de detalhes e que tem sentido especialmente quando utilizadas com os materiais provenientes do uso das outras técnicas de coleta descritas anteriormente.

III A socialização do homossexual

Em geral, as experiências homossexuais se iniciam bem cedo, em grupos de brinquedo ou em colégios internos. Como apenas um grupo, relativamente reduzido, tem oportunidade de frequentar internatos, parece que a iniciação de experiências homossexuais é devida, principalmente, aos grupos de brinquedos homossexuais.¹

O desenvolvimento da personalidade passa realmente por certo estágio; existe uma tendência, por parte dos indivíduos, de pertencerem a grupos formados por pessoas do mesmo sexo. Depois desse estágio, esse interesse inicial perde importância, sendo normalmente substituído pelo heterossocial.

Nesse primeiro estágio, no entanto, os grupos são constituídos por indivíduos de idades diferentes, o que tem consequências importantes. É no grupo homosocial normal, dentro do processo mais amplo de socialização, que os imaturos encon-

1 Para o conceito homosocial e seu correspondente heterossocial ver Fluegel (1947).

tram oportunidade para viver padrões, seguir normas e introjetar valores próprios ao grupo social masculino. A diferença de idade, porém, é um dos fatores importantes para o aparecimento de relações de subordinação e liderança, que, nesse estágio de desenvolvimento da personalidade, com o aparecimento das necessidades sexuais e da afirmação da masculinidade, podem misturar as relações intragrupais com comportamentos homossexuais, desde o nível da afeição, dedicação e amor até o das relações sexuais.² Essas primeiras experiências indicam o início de um processo que poderia, em alguns casos, levar o indivíduo à cristalização do comportamento homossexual na vida de adulto.³

Um passo seguinte, nesse processo, seriam as experiências classificatórias. Pensamos que um dos fatores de maior influência para a permanência do comportamento homossexual (especialmente o comportamento homossexual efeminado evidente) são as experiências classificatórias. Parece-nos que, pelas sanções, o grupo homosocial procura realizar uma triagem dos seus membros, excluindo os indivíduos que demonstram atitudes, comportamento, normas e valores diversos dos relacionados aos padrões ideais valorizados pela maioria (aqui nos interessa especialmente os ligados ao papel masculino). Essas sanções, na verdade, têm a função de aproximar esses divergen-

2 Vários autores salientaram a fase de transição entre pubescência e sexualidade genital como ponto crítico de aparecimento de experiências homossexuais: Kinsey, Romanoff, Davis e Hamilton etc. Sigmund Freud lançou as bases de uma interpretação geral com essa mesma fundamentação. Cf. *Group Psychology*, p. 121.

3 Nosso interesse principal aqui é indicar os conjuntos de variáveis que, quando atuantes, dirigem o processo de desenvolvimento individual para o comportamento homossexual. Nesse sentido, com o interesse específico de classificar o processo, várias experiências cruciais foram colocadas em ordem sucessiva. Os caracteres formais evidentes no processo de apresentação devem-se, portanto, a esses interesses. Além disso, este deve ser considerado mais um processo "lógico", que não tem necessariamente fundamento empírico para todos os casos.

tes do tipo ideal. No entanto, muitas vezes o resultado não se efetua nesse esperado sentido de integração, mas no de exclusão do indivíduo divergente, levantando uma barreira entre ele e o grupo, e, dessa forma, dificultando a continuidade de interação entre ele e o grupo – e assim, entre ele e a maioria.

Entre os indícios geralmente excluídos estão aqueles que, pelo processo de socialização, introjetam atitudes e desenvolvem comportamentos que se afastam do ideal da maioria, sobretudo no que consideram ser característicos do papel de homem. (Timidez, interesses lúdicos incomuns, fobia pela agressividade muscular etc.) Na verdade, durante o desenvolvimento da sua personalidade, quando esses indivíduos passam a estabelecer contato com grupos do mesmo sexo, eles são colocados à margem das relações grupais pelos próprios líderes desses grupos, que, em geral, se aproximam dos padrões ideais masculinos. Se a exclusão começa a se manifestar pelas atitudes e pelos julgamentos do líder, ela é secundada em seguida pelos seus seguidores, o que pode ser interpretado como técnica de desenvolvimento e suporte da unidade grupal. A base motivadora da sanção se organiza sobre as características não aprovadas do comportamento do indivíduo, que divergem do tipo ideal masculino sancionado positivamente pela maioria, e passam a ser reprovadas abertamente pelo grupo.

Essa "expulsão do grupo", pelas sanções negativas, reflete-se subjetivamente no próprio processo de socialização do imaturo, levando-o a introjetar tais atitudes negativas e aplicando a si mesmo a classificação expressa pelo grupo. Esse processo cria uma barreira emocional, além de social, entre indivíduo e grupo, dificultando o estabelecimento e a continuidade das relações sociais normais. Isso introduz, naturalmente, uma série de problemas especiais no processo comum de socialização. Um indivíduo, nesse contexto, se pensa e se reconhece como diferente dos outros, que comumente formariam o seu grupo de socialização; o comportamento que desenvolve não segue as nor-

mas sancionadas positivamente e seguidas pelo grupo. Esse processo de triagem e contínua exclusão do estranho, do reprovado socialmente, pode continuar. O grupo tende a aumentar o conteúdo das sanções negativas, passando do ridículo à perseguição e exclusão do grupo primário. Trata-se de formas extremas de condensação do comportamento não aprovado, que, se persistissem entre membros, levariam à própria desorganização do quadro de valores do grupo.

Assim, a perseguição e exclusão agem positivamente como reafirmação dos valores grupais; nesse caso específico, relacionados com o que consideram próprio do papel masculino e próprio do papel feminino.⁴

O processo de socialização, incluindo tantos problemas adicionais, coloca o indivíduo em uma posição muito mais ambígua do que acontece com a maioria.⁵ Na socialização, a linha de desenvolvimento quanto ao papel masculino ou feminino está relativamente trancada, sendo o seu percurso relativamente simples para a maioria (principalmente em sociedades simples, com valores integrados em um único sistema de referência). O indivíduo que sofre um processo de socialização viesado está exposto a um aumento adicional de conflitos de atitudes, papéis, normas, valores etc., em razão da discrepância dos componentes específicos da sua individualidade e por causa dos aprovados no grupo majoritário em que ele vive. Parece-nos ser esse um dos pontos em que se mostra visível a “oposição” indivíduo/sociedade global, pois o processo de socialização por ele seguido, em vez de integrá-lo à maioria, aparece como base de conflitos e o

4 Dessa forma, os indivíduos são socialmente classificados como homossexuais não porque seja conhecida a sua predileção por um certo tipo de relação sexual, mas porque seu comportamento social, pelo menos em muitas áreas, diverge do que a maioria considera como papel masculino.

5 Ver as descrições sobre ambigüidade e bissexualidade manifesta tal como discute Rosanoff (cf. Brown, 1940).

integra em um grupo minoritário. No desenrolar do processo, surge um ponto crítico, que no desenvolvimento comum dos imaturos não é tão visível. É o que poderíamos caracterizar como opção individual dos papéis. A área de fricção entre valores divergentes em que se coloca o indivíduo socializado para desempenhar papéis incompatíveis com a maioria se transfere para o nível da consciência individual. Para os demais, os ajustamentos se passam, dinamicamente, no nível do comportamento semiconsciente ou inconsciente. É pela colocação especial do nível consciente que surge a possibilidade da “opção”, que fica muito bem marcada quando se pensa na oposição entre dois mundos de valores, em que o indivíduo serve de ligação entre um e outro.

No ponto em que se estabelece a oportunidade de opção, vários fatores podem atuar para influenciar a escolha. Aqui, interessam principalmente aqueles que podem conduzir à condição “definitiva” de homossexualidade. Alguns deles são: o “mito do grupo eleito”, experiências heterossexuais malsucedidas, a dominação emotiva e sexual de um parceiro masculino, a esperança de felicidade num grupo minoritário em que seu papel é positivamente sancionado, o conhecimento e a participação no grupo homossexual, o valor do sucesso individual, os estereótipos sobre os homossexuais, a liberdade sexual, o desenvolvimento da sensibilidade sexual orientada para o homem.

O “mito do grupo eleito” se apóia na característica básica para a classificação no grupo minoritário (atração pelo mesmo sexo). Essa classificação é socialmente reinterpretada para indicar uma seleção de indivíduos que seriam mais aptos que o comum à inovação, a descobertas e a grandes realizações. Essa ideologia grupal associa homossexualismo a desenvolvimento da sensibilidade (artística, por exemplo), assumindo a forma de racionalidade

6 Nessa mesma fundamentação, ver o conceito de “experiência crítica” em Stonequist (1937, cap. VI). Sobre marginalidade, ver Green (1947), Antonovsky (1956) e Golovensky (1952).

zação compensatória da posição homossexual, revalorizando uma das características fundamentais que suporta a própria existência do grupo minoritário. Assim, essa ideologia atrai, para o grupo minoritário, aqueles indivíduos que fizeram opções sancionadas negativamente, e se transforma em fator de organização grupal por encarar essas características discriminatórias positivamente, não só como aceitáveis, mas como desejáveis.

Existem, no entanto, outros fatores intimamente ligados à situação sexual. As experiências heterossexuais malsucedidas são de importância decisiva no contexto da opção. Elas atuam como experiência fundamental que estabelece uma barreira difícil de ser transposta, de início, por um indivíduo numa situação de conflito de papéis (homo e heterossexual), e ainda, marcado social e (ou) emocionalmente pelas sanções e perseguições. Por meio dessas experiências heterossexuais frustradas, esses indivíduos se vêm impossibilitados de escolher o papel heterossexual.

A dominação emotiva e sexual, por um parceiro masculino, tem formalmente menor importância, pois pode desaparecer ou ser ultrapassada. A sua importância real, no entanto, transparece quando colocada em paralelo ao processo de seleção de papéis, pois ela age para aproximar e unir o indivíduo ao grupo marginal, aumentando a independência de vida entre aquele e este. Além disso, ela abrange outros fatores, entre eles: o desenvolvimento da sensibilidade erótica para o prazer sexual com indivíduos do mesmo sexo e a socialização à cultura do grupo minoritário. A liberação do comportamento sexual das sanções existentes na sociedade inclusiva, ao mesmo tempo que leva o homossexual a reavaliar positivamente as suas opções, faz que ele avalie negativamente os padrões sexuais aprovados pelo grupo majoritário. Essa situação leva o homossexual a desenvolver a sensibilidade para o prazer sexual fundamentada na utilização do equipamento anatômico, físico, mental e sensível, totalmente para parceiros do próprio sexo, de tal forma que torna o indivíduo frustrado nas possíveis relações heterossexuais que possa

desenvolver. Esse é também um aspecto da socialização à minoria, e basta lembrar a importância, como centro de prazer sensível, que adquirem a região anal e oral; o prazer tátil dos músculos e da pilosidade, a força masculina para notar quantas barreiras a minoria desenvolve à evasão dos seus membros.

O homossexual, no entanto, reinterpreta a situação existente de forma bastante diferente. A ideologia minoritária indica que todos os homens acessíveis são parceiros sexuais potenciais (o que é discutível não só em uma perspectiva sociológica, como também a partir dos novos estudos sobre a sexualidade). Essa liberdade se expressa como sendo importante pelo prazer da "caça" ao parceiro, que os homossexuais adquirem e demonstram, chegando ao extremo de, muitas vezes, a "caça" se tornar o maior objetivo, sendo executada mesmo sem o interesse que seria de esperar pela efetivação da união sexual.

Dois outros fatores também estão em contato íntimo: a esperança de realização dos seus ideais no grupo minoritário e o conhecimento e a participação no grupo homossexual. À medida que o indivíduo recebe sanções e é perseguido pela maioria, ele cai numa situação de tensões e conflitos não só no plano individual, mas também no social.

O depoimento seguinte ilustra essa situação (extraído de um diário).

Noite fria, esfumada, lua encoberta. Há qualquer coisa de poético, de triste, de opressor ... As janelas do meu quarto estão escancaradas, de uma eu vejo a lua, da outra o cemitério. O cemitério frio e hostil. Uma aragem invade meu quarto como se fosse o espírito da tristeza, pois eu sinto a sua presença concreta aqui.

Nunca me senti tão só e nunca estive tão sozinho. A solidão será sempre o estigma da minha vida? Se continuarem "odiando-me sem razão", talvez eu fique louco. Estou tão triste que seria capaz de fazer algo, pelo que haveriam de me odiar com razão. E no meio do quarto: eu! Esquecido, triste, humilhado...

A sua entrada no grupo homossexual, porém, vai afetar essa situação de crise, pois encontrará um grupo de pessoas semelhantes que compreenderão e agirão segundo padrões de comportamento idênticos e inteligíveis. Participando e pertencendo ao grupo, um circo de relações recíprocas fechadas convergem sobre o indivíduo, procurando, em última análise, ligá-lo o mais fortemente possível ao grupo, ou excluí-lo totalmente (formas de defesa da existência grupal). Aquele indivíduo, submerso num mundo de tensões e conflitos que dificultam a sua existência social, encontra assim, a possibilidade de ter uma vida, mesmo que num grupo minoritário, mais livre de tensões e conflitos. Essa esperança e o conhecimento que o fundamento, adquirido pela participação no grupo, são de grande importância para a possível opção de papéis sociais.

Na medida em que o homossexual consegue efetuar contatos e descobre que existem outras pessoas na sociedade inclusiva semelhantes a ele, também excluídas do grupo majoritário, ele tende a encarar de outra forma a opção, que passa a significar a sua afirmação pessoal como homossexual, prendendo-o cada vez mais a essa categoria. Daí as dificuldades para abandonar o grupo homossexual se experiências anteriores mostram que não foi aceito pelo grupo masculino, e se a vida do grupo do homossexual, pela própria possibilidade que teve de ser aceito, influi para que ele seja levado a abandonar o grupo ou a realçar esse desejo – e continuar no grupo homossexual. Se o homem como ser social tem como necessidade básica a possibilidade de manter contatos sociais, parece a ele melhor continuar mantendo relações sociais de grupo, mesmo que ele esteja à margem dos ideais societários mais amplos, do que cair numa posição de isolamento social e emocional (Kerckhoff & Cormick, 1955, p.44-55).

Parece-nos que os fatores e mecanismos psicossociais apontados são os que agem com maior intensidade para levar o indivíduo a se associar ao grupo marginal, dando-lhe um papel e marcando-o como membro do grupo minoritário.

A assimilação à minoria, no entanto, não leva os indivíduos a adotar uma uniformidade global na área da vida social dentro da minoria. Essa uniformidade é apenas parcial e serve como base para o desenvolvimento da *consciousness of kind*. Outros aspectos da vida social de cada um como membro do grupo minoritário são determinados pelos diferentes tipos de grupo primário de que fazem parte. É do nível dos grupos primários que a minoria atinge os níveis mais altos de organização social, e são eles que agem como unidades cooperativas de integração da vida social, de relação de padrões específicos de comportamento, e de centros policiadores e emissores de sanções intra-grupais. Dessa forma, em uns é o comportamento efeminado que é sancionado positivamente e esperado de todos os membros, enquanto em outros, a exibição de papéis efeminados levaria à exclusão do grupo primário. Em uns, as relações sexuais *passivas* são selecionadas como ideal único para os membros, enquanto em outros, a seleção única desse tipo de relação sexual relação é ridicularizada, e assim por diante.

O capítulo seguinte procura apresentar dados e analisar justamente aspectos dessa seleção de conteúdos culturais feita no âmbito dos grupos primários. O nosso interesse foi indicar os vários tipos de seleção de conteúdos encontrados na minoria homossexual em São Paulo.

IV O grupo homossexual

Há dois aspectos da relação indivíduo-grupo homossexual que aparecem como importantes, se nos preocuparmos com o processo de organização do grupo: o indivíduo como lide e, portanto, fator de condenação dos papéis individuais; ou como membro potencial e, portanto, tendo que passar por um processo de triagem para ingressar no grupo. Os padrões de constituição de qualquer grupo primário homossexual não se fundamentam em processos formalmente institucionalizados. Os indivíduos são conduzidos à formação desses grupos por mecanismos informais de interação, tal como se constituem as gangues na sociedade mais ampla. Da mesma forma que as gangues, eles surgem e têm uma certa continuidade de existência pelos processos cooperativos que se estabelecem nas relações intragrupais. A constituição do grupo primário implica o aparecimento de papéis e *status* individuais que devem ser representados e ocupados pelos membros do grupo. Cada papel representado envolve uma contínua interação entre ator e as outras pessoas com quem estabelece contato. A análise desses papéis indica a sua orientação por valores e sua fundamentação em atividades estandar-

dizadas de acordo com certos padrões sociais selecionados como válidos pelo grupo (Jackson & Saltzstein, 1958, p.17).

Os papéis sociais envolvem muitos componentes, entre os quais:

1 círculo zonal no qual o indivíduo que desempenha papel no momento da ação passa a ser o centro;

2 um conjunto de pessoas que, de acordo com os padrões estabelecidos, devem ter com ele um interesse comum específico por causa das relações similares que os colocam em interação;

3 o indivíduo tal como é representado é concebido pelo círculo, e por ele próprio, quando reflete ou reconstrói a representação do papel e a concepção dele próprio pelo círculo;¹

4 o *status* individual decorrente dos direitos e deveres existentes no processo de interação entre o indivíduo e o grupo;

5 a própria função pessoal, tal como o conjunto de deveres que o círculo dele espera e os quais ele procura desempenhar.

Esses componentes se encontram aglutinados nos papéis de cada um dos membros do grupo primário e são determinados pela composição e estrutura do grupo. Seguindo exemplos particulares do processo de formação grupal e comparando esses processos, podemos considerar o grupo uma "síntese criadora dos papéis pessoais" (*wandt*). Ele se mostra como um sistema suprapessoal de valores e atividades comuns aos membros, incluindo todos os valores e atividades que fazem parte dos papéis dos indivíduos como membros.

O primeiro passo para a formação do grupo é a constatação de que existe um vínculo seletivo que liga certos indivíduos ao mesmo tempo que os separa dos outros. Os indivíduos que formam o grupo primário têm sempre um sistema de valores em

1 Nesse contexto, salienta-se especialmente a ênfase colocada nas características de seu papel decorrente dos padrões sociais e a sua auto-avaliação como conformista.

comum, do qual se espera que não-membros não participem, e que pode ser tomado pelo grupo como fator de exclusão daqueles que não sancionam positivamente os mesmos valores.² A importância do grupo primário homossexual se liga não só à necessidade que os membros da minoria possuem de um contexto para a vida social, mas também ao fato de que é justamente no contexto do grupo primário que eles podem representar os papéis que selecionaram e que são, respectivamente, apreciados pela maioria. No grupo primário homossexual, eles são não só aceitos, mas encontram o apoio coletivo às suas aspirações, divergentes da maioria. É claro que a realização efetiva dessas aspirações admite formas diferentes de expressão que passam a construir os fundamentos secundários para a seleção de membros dos vários grupos homossexuais primários. Nesse plano, o fator seletivo mais importante para os vários grupos primários é a forma explícita ou encoberta do papel homossexual. Assim, podemos diferenciar a multiplicidade dos grupos primários homossexuais quanto à atitude que demonstram de apoio ou rejeição do papel homossexual à descoberta. O aparecimento desse fator como norma de seleção decorre evidentemente da extensão em que as sanções sociais podem prejudicar (seja em termos de *status*, seja até mesmo no plano da moral individual) a posição do indivíduo na estrutura da sociedade global. O depoimento de um homossexual "dissimulado" exprime bem essa situação:

Levando em consideração a reação da sociedade em geral perante o homossexualismo [repugna e desprezo], o comportamento ostensivo, escandalizando os outros, só pode revoltar num sentido negativo tanto para a sociedade como para o próprio homossexualismo [aumento de repressão]. Já que os homossexuais são obrigados a viver nesta sociedade [e vice-versa], acho mil vezes preferível o comportamento dissimulado. Eu sempre

2 Para uma discussão externa dos grupos primários ver Conley (1956).

procurei esconder [até certo limite] a minha posição homossexual por causa das relações e ponto de vista da sociedade em geral, e por interesses econômicos. Já fui ameaçado de perder o emprego por causa da minha posição homossexual. Procurei modificar o meu comportamento em geral e as minhas reações perante os fatos e obtive bons resultados. Procuro esconder a minha posição homossexual nos meus contatos em geral com pessoas heterossexuais dentro e fora do meu trabalho [representante comercial], e ainda nas ocasiões quando procuro parceiros para a efetivação da união sexual, por causa do preconceito existente aqui no Brasil, nesse sentido, entre os homossexuais. Acho que é muito produtiva essa atitude, em primeiro lugar, por questões econômicas e porque as pessoas, mesmo que suspeitem, nunca terão certeza de minha verdadeira situação, e, assim, obtenho com facilidade delas aquilo que procuro. Só me mostro como homossexual abertamente, sem procurar nenhuma forma de camuflagem, para a união sexual ou em companhia de outras pessoas homossexuais.

Se existe na população homossexual esse padrão ideal de comportamento, a sua efetivação na vida diária, entretanto, não é geral. Então aparecem aqueles dois tipos gerais: os de comportamento ostensivo e os dissimulados. Esse resultado decorre principalmente da forma de interação que se estabelece entre o homossexual como indivíduo e o grupo majoritário. À medida que ele sanciona positivamente os papéis que o classificam em um *status* na estrutura social global, na qual as sanções sociais do grupo majoritário são mais efetivas, ele deve ou se adaptar a uma posição de homossexual dissimulado ou correr o risco de perder a posição adquirida na estrutura global. O depoimento seguinte esclarece essa situação.

Há indivíduos que, por interesses econômicos e por sentimento de vergonha e culpabilidade, e principalmente pelo fato de a sociedade desprezar os homossexuais, procuram nunca se mostrar como tais, e se fazem parecer otimamente bem enquadrados e ajustados na sociedade. São indivíduos que dão muito valor

para a opinião dos outros e, pela força das circunstâncias [verdadeiras ou imaginárias] vivem uma vida dupla. Há outros, porém, que por razões psicológicas [formação de caráter motivado por episódios na juventude, complexos criados pelos pais, irmãos etc., formação e situação dentro e fora da família], não têm essas barreiras e preconceitos, não se incomodam absolutamente com a opinião pública e sempre, em qualquer circunstância, se mostram homossexuais.

A separação desses grupos mais amplos fica ainda mais reforçada pela existência de preconceitos entre os indivíduos pertencentes a um grupo que se fundamenta em atributos como educação, aparência etc., e os de outro grupo que quer chegar ao próprio centro diferencial do homossexualismo – a relação sexual:³ “Há homossexuais ostensivos e dissimulados, mas sempre prefiro os dissimulados. Eles, no ato sexual, se comportam incomparavelmente melhor, sem barreiras mentais e sem preconceitos, do que aqueles que sempre se mostram homossexuais”.

É evidente, porém, que esse preconceito tem uma fundamentação real. A inter-relação entre homossexuais dissimulados e ostensivos, no plano sexual, tem limitações porque a posição ostensiva canaliza principalmente os homossexuais “passivos”, enquanto o grupo dissimulado inclui toda a gradação, desde o apenas passivo ao duplo. De forma que a descoberta e o tipo de relação sexual entre dissimulados possuem um campo mais amplo de prática erótica.

De qualquer forma, o homossexual, qualquer que seja, procura fundamentalmente se ligar a outros homossexuais, formando um grupo social para aliviar a ansiedade resultante da sua

3 Existe caracterização diferencial para indicar os dois grandes grupos. Um entrevistado classificou o grupo ostensivo pelo termo “bichas”, e o grupo dissimulado por apenas homossexuais. Mais comum, no entanto, é a classificação do extensivo por “loucas” ou “bichas loucas”, passando o termo “bicha” a denominar todos os homossexuais.

posição minoritária. É nesse contexto social, e apenas nele, que o homossexual pode encontrar o apoio coletivo e a aceitação social de que necessita. Por isso, perante seu círculo, o homossexual desenvolve um profundo envolvimento emocional que o leva a conformar-se com a posição de aceitação imediata de suas normas e imposições, e com a sujeição aos padrões gerais de comportamento. A necessidade do apoio grupal e de escape da tensão social a que está submetido transparece na regularidade diária com que procura estar em contato com seu grupo primário.

Os dois tipos mais amplos de grupos primários homossexuais também se diferenciam quanto às suas funções. De ambos, afasta-se a função de realização da necessidade sexual propriamente dita. As relações sexuais intragrupais não se efetuam e assumem um caráter proibitório (que se aproxima da força de um tabu), sinalizando que a cultura grupal compreende a ação sexual como inibidora da realização das outras atividades sociais decorrentes da interação. O depoimento seguinte exprime essa situação:

Não se admite fazer sexo com os amigos. Não que exista uma proibição para isso: como seria possível proibir? Mas como é possível fazer sexo com pessoas que a gente gosta de estar sempre junto, conversar, sair, tal como se faria com um irmão, com o melhor amigo? E depois, pode não dar certo, e seria impossível continuar a amizade. Com amigos nunca existe uma atração sexual. Às vezes, por exemplo, a gente sente grande atração por uma pessoa, mas, à medida que vai convivendo, que se vão apertando os laços de amizade, vai diminuindo cada vez mais, até acabar totalmente e ser substituído por uma necessidade muito mais elevada de estar em contato, aquela grande atração sexual de início.

Os homossexuais diferentes, segundo os dois grandes tipos, "ostensivo" e "dissimulado", tendem a assumir características diversas quanto à recreação, que engloba a função de vida social grupal da qual o homossexual tanto necessita.

Os grupos do tipo "ostensivo" encontram na narração das experiências sexuais, no mexerico sobre a exploração sexual e outros, e na procura de parceiros sexuais, as principais formas de recreação.⁴ Nesses grupos, a narração das experiências sexuais prestigia os membros que valorizam os atributos pessoais de beleza e sedução sexual, mas a narração dessas experiências atua como fator criador de tensão no grupo, pois torna competitiva a atração dos membros perante os parceiros sexuais. Nessas ocasiões, a deslealdade de um membro pode implicar desde sanções difusas até o aparecimento da hostilidade e agressão. O flerte ou roubo do pretendente de um dos membros do círculo por outro é uma das formas mais comuns e constantes do aparecimento dessas tensões.

O grupo "dissimulado" tem como forma básica de recreação as conversas sobre temas artísticos (tais como cinema, teatro, pintura literatura etc.) ou o relato de aventuras sexuais. Nesses grupos, para valorização do *status* individual, o homossexual deve "brilhar econômica, intelectual ou artisticamente. Deve superar, nessas atividades, os heterossexuais, e manter um amplo círculo de relações, inclusive com o grupo heterossexual, especialmente com indivíduos de destaque por qualquer razão". As conversas sobre temas artísticos, principalmente sobre os que estão mais ou menos na moda (nesse sentido, as posições extremistas que dão um certo caráter de esnobismo à discussão), são intermináveis. Estabelecida a situação e o interesse que a fundamenta, a competição intragrupal se dá principalmente no sentido da importância ou brilhantismo individual, o que, de certa forma, cria uma base menos crítica para a transformação das tensões em ações extremadas, tais como a hostilidade e a agressão, pelo menos na maior parte das vezes.⁵

4 Fluegel (1947, p.47, 49) salientou o papel básico que desempenham os fatores sexuais mesmo nas reuniões do indivíduos do mesmo sexo.

5 Sobre a coincidência de interesses entre homossexuais, ver Haselkorn (1953, v.13, p.582-3).

Nos tipos mais gerais de grupo primário, uma função adicional é promover uma situação social na qual os membros podem dramatizar em menor ou maior grau a adesão aos conteúdos culturais positivos sancionados pelos homossexuais. Essa situação social pode variar segundo o tipo de expressão de valores homossexuais, como conversação sobre sexo, a dança, o flerte sem conseqüências, até a adoção e o exagero do comportamento feminino e a afetação da fala. A explicitação dessas formas de representação dos papéis individuais visa principalmente demonstrar constantemente a adoção e o apoio coletivo do grupo ao homossexualismo. A realização do *show*, do desfile de moda e do travesti são as formas extremas desse caráter. As formas indicadas aparecem quase no sentido em que estão ordenadas, com frequência maior quando passamos dos primários, dos homossexuais dissimulados, a grupos de homossexuais ostensivos. Um informante nos relatou uma festa realizada por um grupo do tipo ostensivo da seguinte maneira:

Estava passando na cidade quando encontrei com A. A. é meu amigo há muito tempo, e sempre nos encontramos com outros amigos para passear e conversar. Antigamente nos encontrávamos todos os dias. Nesse dia, A. me disse que tinha conhecido um rapaz que tinha um apartamento no Largo do Arouche e que ia dar uma festinha. Ia convidar outros amigos e pedir a A. que convidasse outros homossexuais. A. me convidou, dizendo que estava com idéia de pedir a todos os homossexuais que pusessem travesti. Aceitei o convite sabendo que outros do grupo também iriam. Planejamos nos encontrar mais cedo no apartamento e decidimos ainda que cada um de nós deveria levar alguns comes e bebes. Fui para casa e telefonei para N., para irmos juntos. Mais tarde, peguei um vestido de baile meu e outro de minha mãe, e vários acessórios, como chapéus, penas, luvas, jóias, seios plásticos e meu par de sapatos de salto alto. Pus tudo dentro de uma caixa e fui para a cidade encontrar N. Passara o dia todo me arrumando, fazendo massagem, máscara de beleza etc., de modo que

me sentia muito bem. Encontrei N. e fomos comprar alguns salgadinhos e bebidas. N. me disse que R. tinha cortado e costurado um vestido para ele, que iria usar à noite. R. e A. também tinham vestidos feitos por uma costureira que eles conheciam. Chegamos ao apartamento, arrumamos os comes e bebes e começamos a nos arrumar. Havia uma "tia"⁶ que não tinha roupa, então emprestei o meu vestido para ele usar. N. usava um vestido de baile, branco, estreito e longo, com detalhes em vermelho, e colocou na cabeça um topete de penas brancas e amarelas para disfarçar o cabelo. R. e A. usavam vestidos curtos mas *toilette*, de saias bem amplas. Os meus vestidos também eram de baile, muito bonitos e amplos. Os rapazes começaram a chegar e saímos do quarto depois de termos nos preparado. Foi um espetáculo! Eles ficaram completamente surpreendidos e começaram a nos cortejar. R. e N. deram um *show*, cantaram muito bem, foram aplaudidíssimos. Pena que R. não tenha dançado a rumba, que é a especialidade dele. As garotas desfilaram. A. fez um pouco de pose de dança clássica, e então cada um se voltou para o seu "pretendente". Foi uma noite encantadora!

O travesti, porém, não é apenas utilizado para "heterossexuais"; em reuniões de apenas homossexuais, ele é feito e tem um caráter bastante comum. Há, no entanto, principalmente em grupos de homossexuais dissimulados, muitos que reprovam essa atividade. Um homossexual desse tipo se expressou da seguinte maneira: "Acho graça como alguns têm coragem de se expor a essas excrescências. É uma maneira, creio, de exibição. Não gosto de fantasias e de travesti, acho ridículo, e só serve para a gente se divertir com os palhaços ridículos".

Cada grupo primário tem ainda um núcleo social, em geral, um único indivíduo, com quem direta ou indiretamente todos os membros estão ligados. Por meio desse núcleo, o círculo social de cada componente individual inclui, de fato ou potencialmen-

6 Vocábulo que designa homossexual passivo.

te, todo o grupo de participação. Esse indivíduo recebe o nome de “rainha”,⁷ e muitas vezes os membros de seu grupo são qualificados como parte da sua “corte”. Nos Estados Unidos, a “rainha” tem funções de grande importância para o grupo, como providenciar um lugar para as reuniões, onde os indivíduos possam ter seus encontros, auxiliar os membros com dificuldades financeiras, selecionar a entrada de novos membros e aconselhar sobre indivíduos que possam roubá-los. Já em São Paulo, ela funciona como “árbitro” das conversações e providencia o local e meios para a sustentação das reuniões de grupo.⁸ A “rainha” americana é, em geral, um homossexual velho, que não compete sexualmente com os demais; a brasileira, muitas vezes, pertence ao mesmo grupo etário e se destaca por possuir brilho individual indiscutível (posição econômica, intelectual ou artística), e uma grande experiência de vida, o que a torna, em grande parte, depositário da cultura e do *lore* da minoria.

O grupo também se representa como uma espécie de “eu-social”, levando seus membros a parecerem uma unidade coletiva. Os processos informais de seleção, que colocam em contato indivíduos com grande número de atributos e interesses semelhantes, e o resultado de unidade de pensamento diante de determinados problemas que aparecem como *Leitmotif* da vida grupal nos encontros constantes, ou pelo menos periódicos, atuam com grande importância para que seja atingido esse resultado, aparecendo o grupo primário como uma unidade social organizada.

Por processo semelhante que leva a esse resultado, o grupo chega a um modo de pensar comum, que é aceito por seus mem-

7 Nos EUA, esse indivíduo recebe também o nome de “Queen”, mas parece ter uma importância funcional bem mais ampla (Leznoff & Westley, 1956, p.262).

8 Fomos informados da existência, em Belo Horizonte, de uma variante de “rainha” que se aproxima muito mais do tipo norte-americano, inclusive como contato para seleção e encontro de parceiro sexual.

bro e ao qual devem se adaptar os novos membros. Assim, por exemplo, num dos grupos “dissimulados”, um novo membro só foi aceito quando demonstrou estar apto a participar das discussões sobre os problemas artísticos, que são tema constante da vida desse grupo. Além disso, teve de fundamentar seu *status* nos atributos adicionais de nível educacional, posição econômica, tipo de comportamento e tipo de relações sociais que mantinha com representantes da sociedade inclusiva. Todos esses fatores agem como característico de seleção informal dos novos membros. E, como requisito adicional, ele deve estar preparado para abandonar uma série de atividades consideradas incompatíveis com a vida do grupo primário dos membros. Este depoimento esclarece essa situação:

Ingressei num grupo homossexual há mais ou menos um ano, por intermédio de uma pessoa com quem tive uma aventura sexual e passei a morar mais tarde. Desde então, passei a participar regularmente do grupo, que, na ocasião de reuniões, bebia, dançava, estudava música ou conversava. A participação na vida desse grupo, para mim, foi muito vantajosa, porque passei a viver uma “vida social” que nunca tive antes. Porém, fui obrigado a me afastar de várias pessoas amigas (heterossexuais) que tive antigamente. Os homossexuais mais chegados a mim têm entre 20 e 45 anos, todos com educação universitária ou equivalente, e com um nível econômico de classe média. Meu grupinho é formado por pessoas que em parte têm interesses artísticos (cinema, teatro, pintura etc.), e em parte comerciantes. Inicialmente, eles colocaram bastante barreiras à minha participação no grupo, mas venci e superei todas.

Cada grupo compreende também uma certa propriedade material, que serve como local de encontro e pode ser desde a casa de uma “rainha” até um restaurante ou “ponto” preferido. Mas o grupo primário possui também uma certa propriedade cultural, formada pelos costumes e “nomes”, pelo conhecimen-

to, prestígio social e poder. É essa posse que dá ao grupo, na experiência dos membros e estranhos, o seu caráter "moral".

As atividades socioculturais, que constituem os fatores iniciais de fundamentação de interação no processo de constituição do grupo, criam um produto cultural e passam a ser experimentadas como manifestações espontâneas da cooperação voluntária dos indivíduos. No entanto, à medida que o processo de vida grupal continua, os seus criadores se transformam em membros, e essas atividades se tornam estandardizadas, passando a constituir a dinâmica de organização do grupo. A função de cada membro consiste na sua participação ativa obrigatória na vida grupal. Um indivíduo é considerado parte integrante do grupo primário desde que desenvolva uma ação contínua necessária para manter a continuidade da sua existência.

Encontramos em todos os grupos, diferenças consideráveis entre os meios nos quais os indivíduos tendem a desempenhar o papel de membro. Alguns consideram seus papéis no grupo primário os de maior importância, levando-os a se ligarem o mais estreitamente possível ao grupo. Eles procuram manter contato diário com os membros, passando o grupo a desempenhar o centro mais importante da sua vida social. Essa atitude os leva cada vez mais ao afastamento da sociedade inclusiva, dos grupos heterossexuais, e cada vez mais os torna dependentes do grupo homossexual. Outros indivíduos restringem o desempenho de seus papéis no grupo primário homossexual ao mínimo. Alguns membros vêem no grupo apenas a possibilidade de companheirismo, enquanto outros o tomam como campo para as suas necessidades sociais mais amplas. Alguns estão interessados em defender ou elevar o próprio *status* na comunidade homossexual pelo seu desempenho no grupo primário, outros estão interessados principalmente em melhorar seu *status* na sociedade mais ampla.

V Aspectos da vida homossexual

Do ponto de vista sociológico, o homossexual pode ser compreendido como aquele que registrou os padrões e as normas sociais existentes quanto ao comportamento sexual e desenvolveu uma versão particular compensatória de cultura. Ao estudarmos o processo geral de socialização do homossexual, vimos como a substituição dos valores da sociedade mais ampla, pelos valores do homossexual, vai sendo feita pouco a pouco, desde o ponto em que o indivíduo aceita as avaliações e os significados grupais e responde a pessoas e objetos de forma padronizada, até um dos pontos máximos do processo, quando ele conscientemente se classifica como homossexual. Desse ponto em diante, os valores e os sujeitos culturais da sociedade mais ampla passam paralelamente por um processo de redefinição de significados, que os torna diferentes. Nesse processo de transformação, grande parte das idéias, normas e técnicas passa a ser mais ou menos valorizada, pois o indivíduo passa a reagir de maneira diferente (Schneiderman, 1956). Essa redefinição dos significados das coisas, ao mesmo tempo que aproxima os homossexuais da minoria, distancia-os da maioria. As suas ações passam a ser